

TEXTO DE DISCUSSÃO

(auxiliar para as próximas reuniões)

136 3

Jean-Marc Lévy-Leblond, investigador de renome internacional, "maitre de conference" na faculdade de Ciências de Paris, pronunciou em Janeiro último a alocução que nós aqui publicamos. Este texto, que passou despercebido na altura, mostra bem que a repressão não é cega e que não é por acaso que Lévy-Leblond foi inculcado e suspenso das suas funções, depois de uma queixa do reitor da faculdade de ciência Zmcirsky.

É com grande satisfação que recebo hoje o prémio Thibaud oferecido pela vossa academia. Sinto-me satisfeito por poder agradecer o prazer que o facto me proporcionou, esperando fazer-vos compreender a sua natureza. Em particular, ele fornece-me a ocasião de aprofundar um certo número de questões quanto à minha situação de investigador, de cientista, assim como a possibilidade de hoje expor algumas das minhas conclusões.

É-me impossível com efeito receber um tal prémio sem pôr algumas questões: porque esta recompensa? Que fiz eu de meritório? e aos olhos de quem? e, de um modo mais geral, a quem e para quê serve em definitivo a minha actividade científica? Porque faço investigação, quais são as minhas motivações pessoais? Porque é que a sociedade organiza a investigação científica? Qual o papel da ciência na nossa sociedade? na verdade, estas questões são postas cada vez mais frequentemente dentro e fora do nosso meio, sobretudo depois do grande movimento de Maio de 1968 e das profundas respostas de questões que ele ocasionou.

Para todas estas questões existe uma série de respostas: Não é absolutamente evidente, com efeito, que a ciência tem um papel fundamental na evolução da sociedade, e é o motor essencial do progresso?

Que o investigador científico se tornou também no agente essencial da felicidade da humanidade e são nesse sentido as suas motivações primárias e as suas maiores satisfações? Sob formas mais ou menos nítidas, são esses os temas dum incessante discurso ouvido desde a escola primária até aos bancos da faculdade, e difundido tanto pelos organismos mais conservadores como por certas vozes pretensamente revolucionárias.

Há no entanto fortes razões, para pôr em dúvida a validade destas respostas. Consideremos primeiro a relação entre a investigação pura (ou fundamental) o progresso da sociedade. Dois dos ramos mais dispendiosos e mais prestigiosos da investigação actual são, sem dúvida nenhuma, a física das partículas de alta energia e a física espacial. Mas quais são as suas contribuições para o progresso geral? A quase totalidade dos físicos especializados em altas energias não terá dificuldade em confessar que nenhuma aplicação é esperada no seu domínio. Quanto aos frutos tão ga-

bados da investigação espacial não conheço senão as cassarolas em cerâmica refratária e outros "gadgets" (1) análogos. Entenda-se que estou bastante à vontade para falar destes problemas, na medida em que os meus próprios trabalhos, que hoje foram premiados, são um exemplo cabal da investigação "pura", isto é, gratuita e sem outro interesse senão excitar a curiosidade duma vintena de especialistas em todo o mundo. A maior parte dos trabalhos de investigação revestem hoje este carácter perfeitamente esotérico, e não são compreensíveis senão para alguns iniciados. Certamente que existem outros domínios em que se vêem gigantescas possibilidades de aplicação: a medicina, a agronomia, por exemplo, parecem trazer algumas respostas técnicas para os problemas da fome e da doença, que são os problemas de grande parte da humanidade.

Mas justamente, as estruturas sociais são tais que as soluções técnicas não podem ser postas em prática. Pense-se simplesmente no escândalo dos hospitais a abarrotar, na "medicina com desconto" para as classes populares, nos super-lucros das indústrias farmacêuticas, na falta de meios, em França para a investigação médica - sem mesmo pensar nos países que acabam de se libertar da exploração colonial. E se o progresso da técnica traz consigo, em geral, um aumento de produtividade industrial, não há caso conhecido em que isso tivesse como consequência imediata a melhoria das condições de vida das classes populares. São necessárias grandes lutas sociais, constantemente renovadas para obrigar as classes dirigentes a não utilizar em seu único proveito as novas possibilidades desvendadas pela ciência. Assim, a modernização técnica das empresas traduz-se muitas vezes por despedimentos. Do mesmo modo entre 1958 e 1968, as técnicas e a produtividade industrial aumentaram prodigiosamente. Mas foi neces-

sário a grande greve de Maio-Junho 1968 para que os operários obtivessem globalmente algumas melhorias nas suas condições de trabalho - imediatamente cercadas pouco a pouco pelo patronato! Estas dúvidas quanto à função progressista da ciência trazem outras quanto às motivações dos investigadores. São cada vez mais numerosos os que tomam consciência desta situação e passam por vezes à sua denúncia. Mas muitas vezes, é para se refugiar numa ética do conhecimento como valor em si, em que a ciência se torna o próprio fim (ver a lição inaugural de J. Monod no Colégio de França). É este, sem dúvida, o último recurso daqueles que recusam ver os factos à sua volta.

Porque, com efeito, longe de lançar a ideia de que a investigação e a ciência não servem para nada, estou completamente consciente da sua utilidade.

Somente elas não servem de modo algum aquilo e aqueles que dizem servir. A actividade científica, como todas as outras não se pode separar do sistema social, em que se pratica. Como todas as outras, ela é principalmente orientada de modo a assegurar a perpetuação, ou pelo menos a sobrevivência do sistema. Os mecanismos pelos quais ela assume este papel são numerosos e complexos. Podem-se no entanto separar vários tipos de relações. Sobre o plano político, primeiro, é evidente que as potências imperialistas utilizam ao máximo as fontes da técnica moderna para obter um armamento destinado a garantir o seu poder. É sem dúvida neste domínio militar que a investigação científica encontrou as suas aplicações mais numerosas e mais crentes, nestes últimos anos. Mas mesmo aí, a utilidade e eficácia destas aplicações são limitadas, apesar da chantagem e do terror atómico. Basta observar a resistência vitoriosa do povo vietnamita à agressão americana, para se persuadir que em parte alguma a técnica e a ciência



(continuação da pag. anterior)

não são suficientes para garantirem o poderio militar e político. Além disso, estas aplicações militares fazem apelo principalmente a descobertas relativamente antigas, e não à investigação científica pura que me interessa aqui. No plano económico sabe-se o papel cada vez mais importante que cabe à investigação científica pura no orçamento dos países capitalistas desenvolvidos. Poder-se-ia acreditar que investimentos tão importantes seriam aplicados se não houvesse qualquer fim útil?

Uma vez que, como indiquei, estes investimentos não são em geral destinados a suscitar aplicações mais ou menos técnicas é porque são eles próprios uma necessidade do sistema. De facto, pode-se ver neles mais um meio que o capitalismo utiliza para tentar remediar as suas antigas crises cíclicas de "super produção".

A produção científica, não dando origem a um consumo da massa, pode assim ter um papel de regulador económico, como o tem, por exemplo, a corrida aos armamentos. A prova é fornecida pelas restrições orçamentais súbitas que a investigação sofre períodos de recessão: fecha-se a torneira.

Pelo contrário em período de prosperidade económica, a investigação científica é uma fabulosa fonte de superlucros para certas indústrias, a electrónica por exemplo. Estes monopólios encontram assim um meio particularmente discreto de assambarcar os fundos públicos, isto é, aqueles fundos que o Estado extorque à massa dos trabalhadores. Mas ultrapasso rapidamente estes aspectos económicos que, no entanto, valeria a pena serem estudados a fundo.

Queria agora mencionar o papel ideológico crucial da ciência. Pode-se avançar a ideia que, depois da religião, a seguir às "humanidades" clássicas, é a ciência que cada vez mais subentende e estrutura as formas da ideologia impostas pela classe social no poder, a burguesia. Assim, a ciência é invocada para dar uma máscara de objectividade e de tecnicismo à dominação desta classe: capitalismo, exploração. Mas vejamos, fala-se apenas da investigação operacional, "management" etc. As pretensas eminências pardas da ciência são investidas implicitamente na missão de "public relations" do sistema: assim, vão à televisão esclarecer as vulgaridades que estão na moda (mas nos seus laboratórios reprimem ferozmente as greves dos técnicos); isto sem falar nos intelectuais de "esquerda" e dos tecnocratas agentes directos do capitalismo.

A ciência serve ainda para justificar todo o aparelho da hierarquia social, procurando-lhe critérios "objectivos". Esta hierarquia pretensamente científica já não reflectiria hoje a divisão de classes da sociedade mas unicamente as aptidões e a competência dos indivíduos. E na verdade, é hábil substituir o latim pelas matemáticas modernas como instru-

mento de selecção social no ensino secundário: os resultados são os mesmos mas o mecanismo provisoriamente menos evidente. Enfim, como último serviço prestado pela ciência a esta sociedade, assegura a "mise en scène" deste novo circo com o qual se tenta divertir a multidão, desviando-a das questões sérias: como considerar doutro modo, com efeito, a corrida à lua e os seus robots pisando a poeira ao preço de milhares de milhões de dólares, representando na verdade o suor e o sangue de milhares de homens a quem se lança este espectáculo como pasto.

Com base nestas questões sobre o verdadeiro papel da ciência, o investigador científico, o "sábio" aparece como agente destes mecanismos de exploração. Quer seja ou não consciente das forças ao serviço das quais ele opera, ele é em todo o caso cúmplice. Com efeito, todas as motivações para uso externo que eu citei anteriormente, quer se trate "do progresso técnico", da "felicidade da humanidade" ou mesmo da ética da "ciência pela ciência", todas são simplesmente hipocrisia perante os factos. Na realidade, através da investigação, como por toda a parte, é a corrida pelo poder que inspira os cientistas.

Quer seja no interior da comunidade científica, ou à escala da sociedade em geral, é sempre a ideologia de elite que surge. Uma carreira científica universitária é hoje um trampolim, bem fácil, para certos postos governamentais. E porque não falar, muito vulgarmente, nas múltiplas vantagens materiais que os cientistas têm na sua profissão? a um emprego estável e salários confortáveis acrescenta-se, numa proporção crescente com a sua posição hierárquica, viagens ao estrangeiro gratuitas (ou mesmo compensadoras, porque as despesas de representação são sempre avaliadas por cima), benefícios anexos por vezes consideráveis (contratos com a indústria, postos de conselheiros científicos, etc...), prémios científicos a não desprezar, tal como este que me oferecem hoje. Para que outra razão me teria então candidato?

E encontro assim as respostas que punha no início. Porquê os prémios científicos, senão para recompensar aqueles que melhor cumpriram o papel que lhes assiste nesta sociedade: propagar e manter a ideia de uma ciência politicamente neutra e socialmente progressiva, aceitar e ampliar a ideologia de elite e da competência, e ajudar assim a classe dirigente a mascarar os mecanismos de exploração e opressão sobre os quais se fundamenta esta sociedade. E, naturalmente, quanto mais "puro" é o investigador e mais inconsciente desse papel, melhor o desempenha donde o interesse dum sistema de prémios, quer sejam em dinheiro, em prestígio individual ou em migalhas de poder. Mas, como em todo o sistema de selecção o mecanismo da escolha dos laureados apresenta falhas, desta vez, o dinheiro do prémio ajudará aqueles que querem construir uma sociedade sem hierarquia e sem prémios.

NÃO! A CIÊNCIA NÃO É NEUTRA!